

AS QUATRO MÃES DE AGOSTINHO NETO

Donizeth Aparecido dos Santos*

SANTOS, D.A. As quatro mães de agostinho neto. *Akrópolis*, 13(4): 213-217, 2005.

RESUMO: Este artigo traz uma análise dos diversos sentidos que o termo Mãe apresenta no poema “Adeus à hora da largada”, do poeta angolano Agostinho Neto. Primeiramente, tem-se uma breve abordagem histórica, embasada na teoria pós-colonial, das condições que fizeram surgir uma poética de devoção à Mãe-África, e depois, a análise, com a identificação de quatro sentidos para a definição de Mãe no poema analisado: a Mãe Negra biológica, a Mãe Pátria, a Mãe Continente e a Grande Mãe cristã.

PALAVRAS-CHAVE: Mãe. Mãe-áfrica. Mãe-pátria

THE FOUR MOTHERS OF AGOSTINHO NETO

ABSTRACT: This article brings an analysis of different meanings of the term Mother presented in the poem “Adeus à hora da largada”, by an Angolan poet Agostinho Neto. First, there is a short historical approach, based on a post-colonial theory, of the conditions which made appear a poetical devotion to the Mother-Africa, and after that, there is an analysis with the identification of the four meanings to Mother definition in the poem analyzed: The Biological Black Mother, The Native Country Mother, the Mother-Africa (continent) and the Christian Great Mother.

KEY WORDS: Mother. Mother-africa. Native country mother

INTRODUÇÃO

O término da Segunda Guerra Mundial em 1945, com a derrota dos regimes autoritários, criou condições para o início do processo de descolonização das colônias européias na África e na Ásia. Esses ventos favoráveis às reivindicações de liberdade que sopravam pelo mundo também atingiram Angola, e assim em 1948, surgiu em Luanda, o Movimento Vamos Descobrir Angola, propondo uma redescoberta dos valores culturais africanos sufocados pela assimilação cultural européia, ao mesmo tempo em que estudantes angolanos radicados em Portugal, em total consonância com os pressupostos do movimento, tendo por base de apoio as Casas dos Estudantes do Império (CEI) de Lisboa e Coimbra, promoviam manifestações artísticas em prol da angolanidade.

A consequência imediata desse renascimento cultural foi o despertar de uma nova literatura em Angola, feita por e para angolanos. Uma das principais características dessa literatura foi a presença do tema Mãe-África, fruto da influência da ideologia pan-africanista, que vinda dos Estados Unidos, via Europa, chegava finalmente à África, para auxiliar os nativos a redescobrirem os seus valores culturais e as suas origens africanas.

O canto à Mãe-África e o nacionalismo angolano

O norte-americano Russell G. Hamilton, historiador das literaturas africanas de língua portuguesa, em sua obra *Literatura africana-literatura necessária-I Angola* (1981), observa que o tema envolvendo a Mãe-África chegou a ser um lugar comum de tal maneira que os poemas produzidos

em torno deste tema exibiam uma certa uniformidade:

O retorno às origens resultou em Angola, como em outras colônias lusófonas, e quanto a isso, em todo o chamado mundo negro-africano, numa quantidade de poemas que invocam a terra natal ou ancestral em vóos emocionantes de devoção à Mãe-África ou Mãe-Negra. Neste nível de consciência a imagem da Mãe serve fins telúricos como o símbolo da fecundidade e da fidelidade às origens. (HAMILTON, 1981, p. 97)

Em Angola, o canto à Mãe-África (ou Mãe-Terra) tornou-se então um grito de afirmação da identidade angolana (angolanidade) e africana (africanidade), resgatando o elemento ancestral africano acobertado pela assimilação cultural européia promovida pelo colonialismo, o que resultou no (re)nascimento do sonho, da esperança e da certeza de um amanhecer livre das amarras do sistema colonial português.

Rita Chaves (1999, p. 116), observa que essa imagem da terra angolana associada à figura da mãe, tornou-se um *leitmotiv* no percurso da poesia angolana, de que se utilizaram poetas e ficcionistas para expressão de suas verdades, enlevados por uma maciça dose de sentimento nacional. Desse modo, os escritores angolanos, no momento em que tomavam conhecimento da violência colonial e de seus desraizamentos culturais, lançavam mão ao símbolo da Mãe-África como um meio de recuperação de suas identidades africanas. Para Miguel Gusmão (2000, p. 31), essa voz que exalta a Mãe-África é a voz do sangue que não pode mais ser ignorada, porque ignorá-la é trair a si próprio e todos aqueles que vêem estes poetas como porta-vozes de

*Professor de Literaturas de Língua Portuguesa da Faculdade de Telêmaco Borba (FATEB) e Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) - Rua Agostinho Andery, 274 – CEP: 86820-000 – Califórnia/Pr - E-mail: donizeth.santos@hotmail.com ou donizeth.santos@fatebtb.com.br

sua luta diária, e também porque esta voz está em sintonia com a mãe que lhe deu vida e reclama uma voz pela qual se faça ouvir o grito de dor e lamento de todos os negros oprimidos.

De encontro a essas duas afirmações, vêm as observações de Edward Said (1995), de que os retornos à cultura e à tradição pré-colonial mostram que a cultura é uma fonte de identidade bastante combativa, e que a criação de imagens pré-coloniais por nativos insurgentes é uma estratégia que se faz presente nas palavras de muitos poetas literatos nacionais durante as lutas de independência ou libertação em diversas partes do mundo colonial. No caso de Angola, não podemos esquecer que a reação cultural-literária iria se transformar numa reação político-armada. Dessa forma, os intelectuais angolanos, no momento em que tomavam conhecimento da violência colonial e de seus desraizamentos culturais, recorriam ao símbolo da Mãe-África como um meio de recuperação de suas identidades perdidas. Russell Hamilton comenta essa ação reivindicatória dos angolanos através da escrita literária:

As pessoas, na sua reclamação da terra, diriam que buscavam a sua identidade. E tal como os seus semelhantes nas outras ex-colônias, os poetas de Angola lançavam mão ao símbolo da Mãe-África como um ponto de identidade e identificação familiar com a África. O ancestralismo e a identificação com um passado algo remoto reflectem os sentimentos latentes de alienação na consciência social dos intelectuais aculturados. (HAMILTON, 1981, p. 99)

Sobre essa reclamação da terra dominada pelo colonizador, referida por Hamilton, Edward Said observa o papel central que ela ocupa na luta entre as populações nativas e os impérios coloniais, tanto no período de conquista quanto no período de descolonização:

Subjacentes ao espaço social estão territórios, terras, domínios geográficos, as escoras geográficas concretas da luta imperial, e também cultural. Pensar em lugares distantes, colonizá-los, povoá-los ou despovoá-los: tudo isso ocorre na terra ou por causa da terra. A posse geográfica efetiva da terra: em última análise, é disso que trata o império. No momento em que ocorre uma coincidência entre o poder e o controle real, entre a idéia do que era (poderia ser, poderia se tornar) um determinado lugar e um lugar concreto: neste momento se inicia a luta pelo império. Essa coincidência é a lógica tanto para a apropriação ocidental de terras quanto, durante a descolonização, para a resistência nativa que as reivindica. (SAID, 1995, p. 118)

Said também observa que um dos aspectos da resistência nativa nessa luta pela terra é o nacionalismo, que segundo ele, é o ponto culminante da dinâmica da dependência, que acabou criando estados independentes em países de todo o mundo que antes eram colônias. Por dinâmica da dependência, entenda-se como o “processo de aprendizagem, [no qual] milhões de nativos assimilaram os fundamentos da vida moderna, mas permaneceram como dependentes subordinados a uma autoridade imperial estrangeira” (SAID, 1995, p. 327).

Conforme a afirmação de Rita Chaves, os escritores angolanos que recorriam à simbologia da Mãe-África estavam imbuídos de uma alta dose de nacionalismo, e para esclarecermos melhor a relação entre literatura e nacionalismo, vale lembrar a observação feita por Benedict Anderson (1989, p. 154) de que a poesia, a ficção, a música e as artes plásticas são produtos culturais do nacionalismo que apresentam com muita clareza, e em milhares de formas e estilos diversos, o amor profundamente abnegado que as nações inspiram. Nesse sentido, as atividades culturais promovidas pelo Movimento Vamos Descobrir Angola e pela Casa dos Estudantes do Império (CEI) de Lisboa e Coimbra foram essencialmente nacionalistas.

As quatro Mães de Agostinho Neto

Agostinho Neto, foi um dos primeiros escritores angolanos a lançar mão do símbolo da Mãe-África como elemento de identificação com a terra angolana e o continente africano. Vejamos “Adeus à hora da largada”, poema em que a simbologia do termo apresenta várias definições dentro do contexto histórico-político-social em que foi produzido. Neste texto, o sujeito poético dirige-se à Mãe-África, se auto proclamando o salvador do seu povo: as crianças nuas das sanzalas, os garotos sem escolas, os contratados que queimavam suas vidas nos cafezais, os homens negros ignorantes e os bêbados a cair pelas ruas; todos famintos, sedentos, envergonhados e medrosos, mas que num futuro próximo cantariam a liberdade, comemorando o fim da escravidão a que estavam sujeitos, fato esse que iria se concretizar teoricamente quase trinta anos depois com a independência de Angola, liderada pelo poeta. Manuel Ferreira (1987, p.117), referindo-se a esse poema, afirma que “em nossos dias impressiona a profética voz de há um quarto de século, [...] em que o sujeito de enunciação se assume como um eu coletivo, exprimindo-o criativamente”.

ADEUS À HORA DA LARGADA

Minha Mãe

*(todas as mães negras
cujos filhos partiram)*

*tu me ensinaste a esperar
como esperaste nas horas difíceis*

Mas a vida

matou em mim essa mística esperança

Eu já não espero

sou aquele por quem se espera

Sou eu minha Mãe

*a esperança somos nós
os teus filhos*

partidos para uma fé que alimenta a vida

Hoje

*somos as crianças nuas das sanzalas do mato
os garotos sem escola a jogar a bola de trapos
nos areais ao meio-dia*

somos nós mesmos
 os contratados a queimar vidas nos cafezais
 os homens negros ignorantes
 que devem respeitar o homem branco
 e temer o rico
 somos os teus filhos
 dos bairros de pretos
 além aonde não chega a luz elétrica
 os homens bêbedos a cair
 abandonados ao ritmo dum batuque de morte
 teus filhos
 com fome
 com sede
 com vergonha de te chamarmos Mãe
 com medo de atravessar as ruas
 com medo dos homens
 nós mesmos

Amanhã
 entoaremos hinos a liberdade
 quando comemormos
 a data da abolição desta escravatura

Nós vamos em busca de luz
 Os teus filhos Mãe
 (todas as mães negras
 cujos filhos partiram)
 Vão em busca de vida. (NETO, 1979, p. 9-10)

De acordo com Pires Laranjeira (1995, p. 92), “Adeus à hora da largada” faz parte da fase neo-realista que abrange os dezesseis primeiros poemas de *Sagrada Esperança*, escritos entre 1945 e 1948-50, nos quais há o predomínio da influência do Neo-realismo português, estética literária surgida nos anos 40 que ao objetivar uma “nova interpretação da realidade” (REIS, 1981, p. 71), tinha como temática questões ligadas ao “proletariado e a sua condição econômica: conflito social, alienação e consciência de classe, posse da terra, opressão, decadência dos estratos dominantes, etc.” (Ibid., p.17); e ao mesmo tempo, uma combinação deste com a Negritude francófona, de ideologia pan-africanista, que propugnava o resgate da identidade negra. Pires Laranjeira comenta essa associação entre o Neo-realismo e a Negritude, tão comum nos textos africanos das décadas de 40 e 50:

A convivência da lição do Neo-realismo e da Negritude num mesmo texto não nos deve surpreender, na medida em que ambos os movimentos assentavam ideologicamente nos mesmos princípios prometeicos da busca de uma sociedade sem repressão e do estar de acordo com o fim dos regimes de exploração do homem, para a edificação de um Homem Novo, através do marxismo – no caso do Neo-realismo e também da Negritude agressiva (cesairiana) – e do humanismo cristão, no caso da Negritude serena (senghoriana). Em síntese, podemos dizer que, nos poetas africanos de língua portuguesa, a Negritude assenta sobre o fundo do Neo-

realismo que a precede ou que acompanha a par e passo. (LARANJEIRA, 1995, p. 93)

A observação de Pires Laranjeira se encaixa perfeitamente em “Adeus à hora da largada”: a evocação à Mãe-África nas estrofes inicial e final, de caráter negritudista (e pan-africanista), é respaldada pela descrição de cunho neo-realista da dura realidade enfrentada pelos negros africanos em razão da violência colonial, que, no período em que o poema foi produzido, assolava toda a África negra.

Para Alexandre Pinheiro Torres (1990, p. 20), a evocação inicial “Minha Mãe”, “além de ser a progenitora, é a própria Terra, a Nutridora Universal, a *Tellus Mater* da crença primeva e simbólica do homem parido da Terra (=Mãe)”. Nesse sentido, ela, a Mãe, transita (nos termos definidos por Mary Daniel, 1996) de um conceito biológico/individual, representando todas as mães negras que tiveram seus filhos escravizados, para um conceito cultural/continental resgatado pelo Pan-africanismo, em que a África continente é Mãe da raça negra, e também para um conceito político/nacional (nos versos seguintes, principalmente nos da quarta e sexta estrofes), nos trazendo a imagem de outra Mãe, a Mãe-Pátria: a terra angolana.

Levando-se em consideração o contexto histórico-político-social em que o poema foi produzido, a Mãe-África conceituada como a nação angolana imaginada surge no poema com mais consistência que as outras. Essa conceituação é reforçada por outro poema de Agostinho Neto, “Havemos de voltar”, do qual citamos um pequeno fragmento:

*À bela pátria angolana
 nossa terra, nossa mãe
 havemos de voltar*

*Havemos de voltar
 À Angola libertada
 Angola independente. (NETO, 1979, p. 130-131)*

A conceituação da Mãe reduzida de sua idealização continental/universal, nos termos negritudista e pan-africanista, para uma idealização nacional no período de descolonização, foi observada por Benjamin Abdala Júnior:

Os ritmos africanos cantados desde os tempos da negritude foram situados num campo nacional específico. Se eles serviram para uma tomada de consciência, logo foram atualizados num espaço nacional, com uma apropriação ideológica de ênfase social e não racial. O contato mitificado da Mãe-África foi comutado por aquele vivenciado socialmente pelo povo de cada país, independentemente da cor da pele. (ABDALA JÚNIOR, 1989, p. 178)

Desse modo, o conceito de Mãe-África definido como progenitora da raça negra, no qual os seus filhos são os negros de todo o mundo, é reduzido para o de Mãe-Pátria, deslocando-se seu sentido para o território angolano, e caracterizando os seus filhos como todos os angolanos

explorados pelo sistema colonial português. Embora o poema seja explícito na caracterização dos filhos como negros, a partir da conceituação da Mãe como nação imaginada, a condição de filhos torna-se extensiva aos brancos angolanizados, também vítimas do colonialismo. Nesse sentido, as crianças nuas das sanzalas, os garotos sem escola, os contratados a queimar vidas nos cafezais, os homens negros ignorantes, os filhos dos bairros de pretos e os homens bêbados a cair são os integrantes de uma futura nação angolana, imaginada como uma comunidade nos termos definidos por Benedict Anderson:

Dentro de um espírito antropológico, proponho então, a seguinte definição para nação: ela é uma comunidade política imaginada – e imaginada como implicitamente limitada e soberana.

*Ela é **imaginada** porque nem mesmo os membros das menores nações jamais conhecerão a maioria de seus compatriotas, nem os encontrarão, nem sequer ouvirão falar deles, embora na mente de cada um esteja viva a imagem de sua comunhão. [...]*

Finalmente, a nação é imaginada como comunidade porque, sem considerar a desigualdade e exploração que atualmente prevalecem em todas elas, a nação é sempre concebida como um companheirismo profundo e horizontal. (ANDERSON, 1989, p. 14-16)

Por essa perspectiva, o poema de Agostinho Neto ao apresentar Angola como Mãe caracteriza os seus filhos oprimidos, que mesmo sem se conhecerem estão todos ligados pela fraternidade que une as comunidades imaginadas.

Aqui é pertinente lembrar a observação feita por Maria Nazareth Soares Fonseca (1997), sobre a nação imaginada como uma mãe que acolhe, nutre e protege todos os seus filhos.

...em poemas produzidos pelas modernas literaturas africanas de língua portuguesa, o corpo da nação é figurado por atributos femininos. [...]. Pode-se dizer que em textos dessas literaturas, a figuração da terra, território, ao se relacionar com imagens ligadas à mãe, ao milagre da gestação e do nascimento, recompõe a paisagem interior da identidade nacional e a pátria recupera as feições de uma grande mãe, louvada em versos... (FONSECA, 1997, p. 225-226)

Mas, além da Mãe conceituada como Mãe negra africana biológica, Mãe-Pátria e Mãe-África continental, há no poema a presença da Grande Mãe cristã, minimizada pela forte africanidade do texto. Mesmo correndo o risco de sermos acusados de biografismo, não podemos deixar de lembrar aqui a formação cristã de Agostinho Neto, devido a ocorrência nas quatro primeiras estrofes e também na última, de uma linguagem similar à religiosa, elaborada com a utilização de vocábulos como “esperança”, “fé”, “vida”, “luz”, e a recorrência do verbo “esperar”, pela qual o sujeito poético se auto-proclama o salvador do seu povo.

No caso de Agostinho Neto, o fato de ter passado

a infância e adolescência numa missão evangélica, onde seus pais atuavam como professores e pastores, foi um dos fatores decisivos em sua formação que o fizeram se destacar desde muito jovem e o transformaram no líder político/revolucionário que ocuparia o cargo de primeiro presidente da República Popular de Angola, concretizando a profecia do seu sujeito poético em “Adeus à hora da largada”. Mário António Fernandes de Oliveira, abordando a ligação religiosa de Agostinho Neto com seu pai e a influência que essa formação evangélica teria sobre a futura obra literária do poeta, observa:

Há uma linha direta entre a fé evangélica do pai e do filho, uma energia na crença que se prolonga de um a outro e que se vai desenvolver de forma a que, perante os poemas que Agostinho Neto virá a escrever, um dos traços mais salientes continuará a ser esse mesmo evangelismo, trave mestra da sua formação cultural. (OLIVEIRA, 1997, p. 304)

Acreditamos que a observação de Mário António é de fundamental importância para a compreensão da presença da Grande Mãe cristã no poema, sobre a qual o poeta assentou a Grande Mãe africana. Desse modo, podemos interpretar o aspecto religioso (prometeísta e profético) que salta aos olhos na segunda, terceira e quarta estrofes do poema como a transposição do discurso bíblico para a realidade africana, transformando o sujeito poético no Messias do povo angolano e concedendo características cristãs à Mãe à qual ele se dirige. Dessa forma, a Mãe evocada no poema de Agostinho Neto também é a incorporação do símbolo cristão da Virgem Maria.

CONCLUSÃO

À guisa de conclusão, podemos afirmar que a Mãe-África, recorrência literária que habita tanto a poética quanto a prosa angolana a partir do Movimento Vamos Descobrir Angola (1948), foi um recurso simbólico a que escritores angolanos lançaram mão diante da necessidade de uma afirmação racial, cultural, social e política frente à colonização portuguesa, num momento em que os povos colonizados de todo o mundo, embalados pelos ventos de liberdade gerados pelo término da Segunda Guerra Mundial, reivindicavam suas independências políticas.

A utilização desse símbolo pelos escritores angolanos foi um grito de reivindicação da terra angolana ocupada pelo português colonizador e também um meio de reconciliação com suas origens africanas, através do resgate da angolanidade e da africanidade corrompidas pela assimilação cultural.

Nesse contexto, a Mãe evocada pelo sujeito poético de “Adeus à hora da largada”, de Agostinho Neto, é ao mesmo tempo a mãe negra biológica (simbolizando a origem africana), a mãe pátria (a terra e a nação angolana), a mãe continente (a África vista como a progenitora da raça negra) e também é a Grande Mãe Cristã (a Virgem Maria) em razão da formação evangélica e da assimilação cultural sofrida pelo poeta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Literatura, história e política**. São Paulo: Ática, 1989.
- ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989.
- CHAVES, Rita. **A formação do romance angolano**. Coleção Via Atlântica. São Paulo: Edusp, 1999.
- DANIEL, Mary L. A woman for all seasons; Mãe in modern lusophone African poetry. In.: **Luso-Brazilian Review**, Madison, v. 33, n. 1, p. 81-98, 1996.
- FERREIRA, Manuel. **Literaturas africanas de expressão portuguesa**. São Paulo: Ática, 1987.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. O corpo feminino da nação. **Scripta**. Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 225-236, 2 sem. 1997.
- GUSMÃO, Miguel Nuno Freire de Vasconcelos. Literaturas africanas de expressão portuguesa: malhas que o império tece. **Estudos portugueses e africanos**, Campinas, n 36, p. 21-36, jul./dez. 2000.
- HAMILTON, Russell G. **Literatura africana-literatura necessária** – I Angola. Lisboa: Edições 70, 1981.
- LARANJEIRA, Pires. **Literaturas africanas de expressão portuguesa**. Coimbra: Universidade Aberta, 1995.
- NETO, Agostinho. **Sagrada Esperança**. 9 ed. Lisboa: Sá da Costa, 1979.
- OLIVEIRA, Mário António Fernandes de. **A formação da literatura angolana**. Lisboa: INCM, 1997.
- REIS, Carlos. **Textos teóricos do Neo-realismo português**. Lisboa: Seara Nova, 1981.
- SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- TORRES, Alexandre Pinheiro. Do caos para o reinício do mundo: uma visão de Sagrada Esperança de Agostinho Neto. In. **Ensaio escolhidos II: estudos sobre as literaturas de língua portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1990.

Recebido em: 15/Março/2006

Aceito em: 25/Abril/2006